

# ~~SOBREVIVER~~ NO ENVELHECIMENTO

## 4º encontro nacional +60



Após dois anos de iniciativas *online*, devido à pandemia do Covid19, em 2022 voltámos a realizar um Encontro, o 4º Encontro +60 do Bloco de Esquerda, com uma sessão *online* no dia 25 de Março e uma sessão presencial no dia 26 de Março. Após cada painel houve um debate muito participado.

**DIA 25** 14h30  
**CONVERSA SOBRE OS AFETOS  
NO OUTONO  
DA VIDA... (sessão online)  
com Júlio Machado Vaz**

### **À CONVERSA COM O PROFESSOR JÚLIO MACHADO VAZ: OS AFETOS NO OUTONO DA VIDA...**

(ver gravação da sessão aqui: [https://www.youtube.com/watch?v=KRjWDxU\\_jlg](https://www.youtube.com/watch?v=KRjWDxU_jlg))

O 4º Encontro Nacional do Grupo +60 iniciou com uma conversa *online* com o Professor Júlio Machado Vaz, cujo tema foi “Os afetos no outono da vida...”, que começou por dizer que somos formatados para pensar em números, quando acordamos com 65 anos oficialmente passámos a ser tratados como idosos. Contudo, ao olharmo-nos para o espelho, sentimo-nos iguais ao dia anterior, sendo isto incongruente, é cortar às fatias uma fase da vida, é falar-se dos mais velhos como se de uma idade homogénea se tratasse.

Continuando a sua intervenção, afirmou que os mais velhos são ainda tratados como se fossem assexuados, pelo que ainda é frequente, entre esta faixa etária, se aflorarem estes temas a medo, com medo do ridículo, sendo esta situação muitas vezes geradora de ansiedade. A geração de 60, que viveu a verdadeira cultura adolescente, recusa-se a aceitar os estereótipos estabelecidos e por isso querem viver, nesta fase da vida, a sua sexualidade por inteiro, pelo que está a acontecer

uma mudança de mentalidades atualmente que poderá refletir-se nas decisões que alguns casais vão tomando. Hoje vão-se constatando várias separações na faixa etária dos 60, 70 anos, não já por razões económicas ou de violência doméstica, mas sobretudo, por balanços feitos que conduzem à constatação de que a relação já não satisfaz, subindo o número de relações que não são de coabitação!

A solidão também foi abordada pelo nosso orador, sublinhando que há quem viva sozinho e não esteja só porque tem uma boa rede afetiva e social. Contudo, a solidão pode ser geradora de depressão, estando estudado que quem tem redes sólidas de afetos, basta saberem que estão lá quando precisam, não só se revelam pessoas muito mais saudáveis como as podemos considerar como agentes da sua própria saúde. Afirmou que é tempo de se abandonarem as grandes catedrais hospitalares e nos virarmos para as respostas em comunidade, de proximidade, deixando a doença como centro e trabalhar na promoção da saúde em todas as suas dimensões. Se as condições de saúde são agravadas, por exemplo, pelas condições de habitabilidade, é no encontrar de respostas de proximidade que corrigem essa situação, que se deve caminhar.

A prevalência de doenças crónicas consequência do aumento de esperança de vida veio colocar a necessidade de alteração do modelo de cuidado. Os médicos são formados para curar, têm que passar a ser para cuidar. É fundamental a luta que os cuidadores informais têm feito, pois temos muitas vezes cuidadores que são da mesma faixa etária que os cuidados e, simultaneamente, cuidados. Há que romper com a teoria popular que diz quem ama cuida, não tendo em conta a especialização que o cuidar deve ter, nem as consequências afetivas para cuidador e cuidado: há uma grande dificuldade num casal de passar da relação de dependência para de objeto erótico.

Falou-se também de lares, da cultura instalada que não respeita os direitos afetivos das pessoas que lá estão, dos casais que ali se formam, chegando mesmo a desencorajar possíveis relações amorosas, algumas vezes, com o apoio da família, infelizmente, por razões não muito nobres, tais como medo de colocar em causa possíveis heranças futuras.

Também abordou a Eutanásia, acusando de falta de seriedade quem a combate com o argumento de com isto se estar a negar a generalização dos cuidados paliativos pelo país.

A terminar, acentuou muito a melhoria da formação médica no sentido da forma como comunicam com os seus doentes, as pessoas podem receber a notícia mais terrível, mas sentem sempre a forma como ela foi comunicada!



**4º ENCONTRO NACIONAL +60**  
**~~SOBREVIVER NO ENVELHECIMENTO~~**  
**PROGRAMA**

**25-26 MAR**  
HOTEL OLISSIPPO  
MARQUÊS DE SÁ

**DIA 25**  
14h30  
CONVERSA SOBRE OS AFETOS NO OUTONO DA VIDA... (sessão online) com Júlio Machado Vaz

**DIA 26**  
10h00  
ABERTURA com Isabel Ventura

10h15  
POLÍTICAS DE CUIDADOS com José Soeiro e Andreia Quartau

11h45  
ESTAR SÓ ENTRE TANTA GENTE... com Isabel do Carmo

13h00  
ALMOÇO

14h30  
+60: SAIR DO ARMÁRIO OU...VOLTAR PARA O ARMÁRIO? com Sónia Lopes e Fabíola Cardoso

17h00  
ENCERRAMENTO com Catarina Martins

No dia 26, a **ABERTURA** do Encontro presencial foi feita por **Isabel Ventura** (coordenação do Grupo +60), que se transcreve:

“Bom dia, a todas e a todos!

Realizamos o nosso Encontro com atraso provocado pela pandemia. Não parou, no entanto, o trabalho do Grupo +60. Realizámos sessões *online*, participámos nas atividades organizativas e eleitorais do Bloco, bem como nos movimentos sociais, enunciando e combatendo os problemas que afetam os seniores.

Na exposição que hoje apresentamos organizada pelo camarada António Baião figuram alguns desses trabalhos e camaradas que neles participaram e mantêm vivo este Grupo e o seu trabalho. Como figuram também camaradas que colaboraram connosco mas que já nos deixaram: Pedro Saraiva, Conceição Peralta e Norberto Corga. Honraremos a sua memória continuando o trabalho deste Grupo.

Muitos colaboraram na preparação do Encontro. Mas quero fazer um agradecimento especial, pela colaboração intergeracional que representam, aos seguintes jovens do Bloco: à Raquel Vitorino pela criação do lema do nosso Encontro, ao Hugo Andrade e ao Gonçalo Filipe, pela criação do vídeo de divulgação.

Porque é tão necessário o trabalho do Grupo +60 - Bloco?

Que problemas afetam a população sénior?

Em primeiro lugar, as reformas muito baixas da maioria. Mais de metade dos indivíduos com mais de 65 anos correm risco de pobreza, sem as transferências sociais. E sabemos como é baixo esse limiar de pobreza.

O coronavírus veio ainda agravar mais a pobreza dos mais velhos.

Acresce a inflação que se está a verificar e que vai agravar ainda mais as condições de vida dos mais idosos se nada for feito em termos de aumento de pensões e de apoios sociais.

Esta pobreza reflete-se na ausência de acesso a uma alimentação de qualidade, aos cuidados de saúde, à medicação. Para só falar de cuidados básicos.

Não existe uma política pública de cuidados nem adaptações habitacionais que permitam aos mais velhos permanecerem na sua família e na sua comunidade. E sabemos que a maior parte nunca quis ir para um lar, abandonar tudo e todos os que fizeram parte da sua vida.

Quanto às situações de demência e alzheimer que obrigam a vigilância e ao apoio médico constantes, também não existem os serviços públicos necessários.

Todos vimos, durante a pandemia, a situação da maioria dos chamados “lares”. De portas escancaradas, todos pudemos observar as fracas condições, a falta de privacidade, a infantilização, a desumanidade que eles representam. E também o número de mortes que por lá se verificaram e que traduziram as condições mais do que deficientes, em termos de assistência e de cuidados, das más condições de trabalho e da falta de formação de quem lá trabalha para lidar com os mais velhos.

Ao aumento da esperança de vida tem que se acrescentar dignidade na vida dos seniores. É esse o objetivo do Grupo +60 do Bloco. E para essa idade todos caminhamos e nós já cá estamos! A continuação deste Grupo é de interesse vital para prosseguir a luta por condições de vida digna para os mais idosos!”

Isabel Ventura



### 1º PAINEL- POLÍTICAS DE CUIDADOS

A 1ª oradora foi **Andreia Quartau**, ativista feminista e membro do coletivo feminista A Coletiva. Partiu da concepção do ser humano como um ser vulnerável e interdependente, para fazer referência à “crise dos cuidados” que a pandemia expôs de forma profunda, pois a economia dos cuidados nunca parou, como por exemplo os setores dos trabalhadores do lixo, dos lares ou das empregadas domésticas. Em Portugal estima-se que haja cerca de 800 mil cuidadores informais e a maioria dos cuidados continuados está a cargo das famílias.

Enumerou alguns dos principais problemas a resolver para uma política pública de cuidados: tornar o cuidado um direito, o fim da precariedade do trabalho no setor dos cuidados, a responsabilidade coletiva de desfamiliarizar os cuidados, tornando-os responsabilidade da comunidade.

Lembrou que o Bloco de Esquerda apresentou a proposta da criação de um Serviço Nacional de Cuidados no programa eleitoral para as Legislativas de 2022 que contempla estas dimensões e que é necessário colocar a vida no centro da vida.

O 2º orador foi **José Soeiro**, dirigente do Bloco de Esquerda, reeleito deputado à Assembleia da República na atual legislatura e autor de uma importante reflexão sobre o modelo de cuidados em Portugal. Dando continuidade a ideias expressas pela oradora anterior, referiu a importância de se alargar o conceito de trabalho, incluindo neste o trabalho reprodutivo, e o pôr a vida no centro da vida e não as mercadorias.

De seguida passou a caracterizar o regime de cuidados em Portugal e como enfrentá-lo numa perspetiva de esquerda: **1.** Regime familista que responsabiliza a família mas não reconhece nem valoriza os cuidadores/as; devemos deixar de pensar o cuidado como responsabilidade da família mas sim como um direito social com a colaboração familiar e comunitária; **2.** Desigualdade de género e divisão e hierarquia social do trabalho em que a esfera doméstica é replicada na esfera pública e na esfera do emprego, por isso temos de ter uma perspetiva feminista; **3.** Falta de serviços de apoio para os cerca de 800 mil dependentes, dos quais quase 500 mil idosos com alguma dependência, segundo a Carta Social de 2019 as tipologias existentes (ERPis/lares, centros de dia e apoio domiciliário) tem uma cobertura de menos de 13% da população com mais 65 anos; a mesma insuficiência nos cuidados continuados; a raiz do problema está na própria Constituição que

reconhece como direito e ação do Estado a Saúde e a Educação (menos as creches) e remete o apoio à velhice para a esfera da ação social, da solidariedade e da família, entregue ao monopólio do setor social; veja-se o caso do PRR (Plano de Recuperação e Resiliência) em que as autarquias podem receber dinheiro para construir edifícios mas devido à legislação em vigor estão proibidas de gerir, têm de entregar a gestão às IPSS; é preciso um novo enquadramento constitucional, uma nova Lei de Bases da Educação e uma nova Lei de Bases da Segurança Social; devemos começar por defender que sempre que haja financiamento deve poder candidatar-se à sua gestão todo o tipo de instituições, como autarquias e as cooperativas, tal como no caso dos cuidados continuados em que as autarquias podem concorrer; **4.** Desvalorização e precarização dos trabalhadores/as do setor social, desigualdade de género e externalização; a própria legislação não reconhece direitos a estes trabalhadores/as, por exemplo, o caso das amas que não podem ter um contrato de trabalho, têm de ter recibo verde, as ajudantes de família e a lei do serviço doméstico; **5.** Existência de cuidados clandestinos.

Multinacionais estão a comprar lares em vários países, com políticas de gestão capitalista de redução de custos, principalmente em países em que o Estado financia privados. É conhecido o caso da ORPEA. É um negócio gigantesco, em Portugal gera cerca de 300 milhões de euros por ano.

José Soeiro concluiu a sua intervenção com a interrogação “qual é o paradigma de cuidados que queremos?”, dizendo que queremos uma rede pública e um modelo de prestação de cuidados que não separe as pessoas da sua comunidade e vida, com serviços de cuidados integrados na cidade, que contemple múltiplas dimensões como o social, o cultural e o artístico, e com novas tipologias de habitação que garantam a autonomia dos idosos incluindo lavandarias, cantinas e cuidadores.



## 2º PAINEL - ESTAR SÓ ENTRE TANTA GENTE...

**Isabel do Carmo**, médica, professora da Faculdade de Medicina de Lisboa, autora de numerosos artigos científicos em revistas nacionais e internacionais e de uma vida notável de ativismo cívico e político.

A oradora referiu-se a uma investigação que está a fazer atualmente, considerando que as pessoas que nasceram nas décadas de 40 e 50 do século passado são resistentes e sobreviventes, nasceram durante a segunda guerra e no pós guerra,

marcadas pela memória da fome, da pobreza e do sofrimento, de acordo com os conhecimentos que temos hoje da epigenética. Nessa época havia uma taxa de mortalidade infantil de cerca de 126%, assim os mais idosos de hoje são os sobreviventes. Desde os anos 50 do século XX surgiram os antibióticos, mas eram pagos; nos anos 40 e 50 a maior parte das mães eram domésticas, só 17% eram assalariadas mas de baixos rendimentos, as crianças nasciam em casa, só iam para as maternidades as mulheres de baixos salários e com filhos “ilegítimos”, reconhecidos pelo pai ou de pai incógnito.

A partir de certa idade há circunstâncias que levam à solidão: casas que não têm elevador e as pessoas evitam sair e os familiares não querem subir três andares; o desaparecimento dos amigos; a componente económico-social como a pobreza. As doenças destes sobreviventes são as doenças cardiovasculares e as suas consequências, oncológicas, artroses e a arterioesclerose. Muitos destes sobreviventes vão viver até aos 100 anos. Em Portugal este setor da população tem falta de autonomia devido a problemas físicos (joelhos, pés, olhos, ouvidos) e há também muitos dependentes. Autonomia é diferente de independência.

A oradora voltou a fazer a ligação entre as e os sobreviventes de hoje e a época do fascismo português em que nasceram: em 1962 mulheres universitárias como ela própria eram uma minoria ínfima, em 1970 já havia mulheres com doutoramentos; mas o balanço era de cerca de 21% de mulheres a saber ler, 60% de analfabetas, assim há 1 milhão de analfabetas no país de sobreviventes e cerca de 600 mil de analfabetos homens; os códigos do fascismo português deixaram marcas de submissão e subordinação das mulheres, na conceção da gravidez equiparada a doença, nas limitações no direito de voto, por exemplo.



### 3º PAINEL - +60: SAIR DO ARMÁRIO OU ...VOLTAR PARA O ARMÁRIO ?

A 1ª oradora foi **Sónia Duarte Lopes**, coordenadora da Associação de Planeamento Familiar (APF) de Lisboa, psicóloga, coordenadora de vários projetos na área da sexualidade sénior e candidata a Doutoramento em Estudos de Género.

Começou por explicar donde vem a APF e o que faz. A APF existe em Portugal desde 1967, em plena ditadura, era muito difícil trabalhar sobre a sexualidade, tinham a pressão da IPPF, a Federação que reúne associações de planeamento familiar dos vários países do mundo, para haver também em Portugal, pois já

estavam em funcionamento noutros países. Só conseguiu a aprovação, depois de várias tentativas, por ter um padre progressista na direção.

A associação tem como áreas de intervenção a educação para a sexualidade e o aconselhamento da sexualidade, os direitos sexuais e reprodutivos e cidadania, o apoiar escolhas livres e conscientes, sempre numa lógica de igualdade de género, e a formação de profissionais direcionados para a saúde sexual e reprodutiva.

Desde a sua origem que procura chegar às pessoas e comunidades, combater muitos moralismos ligados à sexualidade e permitir escolhas informadas, escolhas a partir da voz individual. Nos anos 60 e 70 foram pioneiros na área de planeamento familiar. Nos anos 80, quando surge a Lei nº3/ 84, primeira referência à educação sexual, tiveram um papel interventivo na produção de documentos, na formação profissional e na construção de leis ligadas à educação sexual. Nos anos 90, foram das primeiras organizações a ter um papel afirmativo nas questões do aborto e dos direitos das pessoas com HIV positivo. Em 2000 foram das primeiras organizações a trabalhar contra a mutilação genital feminina e, mais recentemente, contra o tráfico de seres humanos e a violência de género.

Referiu-se ao idadismo como um preconceito que considera os mais idosos como rígidos e moralistas, por outro lado a nossa sociedade procura neutralizar o que considera feio e sujo, encarando assim a sexualidade dos seniores. Considerou que a defesa de que os mais velhos podem continuar a ter prazer sexual é lutar contra os valores patriarcais da sociedade.

Salientou que a APF esteve envolvida em dois projetos no terreno relacionados com a sexualidade dos mais 60. O Projeto “Sexualidade Maior”, dirigido à população sénior (pessoas com a idade igual ou superior a 65 anos) e a Profissionais e Instituições a desenvolver atividade com pessoas idosas no concelho e Lisboa, sobre os temas do Envelhecimento, Sexualidade e Afetos na cidade de Lisboa, contou com o apoio da Câmara Municipal de Lisboa e decorreu em 2018. Foi o primeiro e por isso queriam muito conhecer qual era realidade. Entre tudo o que fizeram, achou importante dizer-nos o que os profissionais devolveram na parte do projeto que visava conhecer as atitudes e práticas de profissionais e instituições face à sexualidade e afetos das pessoas seniores e que mostrou o fraco reconhecimento da sexualidade dos idosos como necessidade básica, a sua infantilização, angelização e que nas instituições, nas escalas de avaliação não há presença de nenhuma referência à sexualidade e prazer dos idosos, nenhuma pergunta neste sentido. A sexualidade, a homossexualidade que vamos ter oportunidade de abordar, tem de se criar condições para se assegurar o exercício desse direito que não se esgota com a idade. Percebe-se que há muitas dificuldades ao nível das instituições, na organização dos espaços, algumas têm alas femininas e alas masculinas, por exemplo, não há espaços para partilha, de intimidade, espaços para ter encontros, até porque estão constantemente a ser vigiados, não há qualquer espaço de privacidade. A própria cultura organizacional regista muito preconceito em torno

de todas estas temáticas, por isso há resistência em relação quer à valorização quer à forma de encarar toda a sexualidade.

Outro aspeto importante foi o de ativar o ativismo que existe nas pessoas idosas. Trouxe o exemplo de um grupo de mulheres que fizeram várias ações, vestiam-se de forma colorida, como não era esperado em pessoas idosas, que fizeram pancartas, biscoitos em forma de vulvas e pénis e que quiseram participar na Marcha LGBTI+ de Lisboa. Outro projeto no terreno em que a APF foi parceira foi o Projeto “Namorar à Janela (do mundo)”, dirigido à população sénior do Casalinho da Ajuda, no contexto de pandemia Covid-19 e de isolamento, decorreu em 2021, com o objetivo de tratar os temas da sexualidade e afetividade positivas. Participaram pessoas dos 70 aos 90 anos, desenvolveram atividades para capacitação para a utilização de meios digitais, cada pessoa recebeu um tablet, e de valorização das suas histórias de vida. Foi feita uma campanha com as suas histórias de vida através de mupis na Ajuda e depois por Lisboa. As suas histórias de vida levaram a uma experiência muito rica sobre a sua sexualidade e relação com o corpo, que era muito marcada pela juventude vivida em ditadura.

A **2ª oradora foi Fabíola Cardoso**, ex-deputada do Bloco de Esquerda, ativista lésbica, professora, mãe e mulher em caminho.

Começou por expressar a sua satisfação por se conseguir retomar alguma normalidade dos nossos encontros que são essenciais e criar uma dinâmica que contribua não só individualmente mas politicamente para recuperar destes últimos anos que tantas dificuldades trouxeram.

Referiu que a intervenção anterior a fez recordar que enquanto professora de Ciências de Educação Sexual e que de facto a APF teve o papel essencial de quebrar, naquele tempo, o silêncio terrível que havia nas escolas nessa área. Uma das coisas de que se recordava mais era de perguntar aos seus alunos e alunas “Quando começa a sexualidade?” e dava uma conversa muito interessante. E “Quando acaba a sexualidade?”, também dava uma conversa muito, muito interessante. Trabalhava com alunos e alunas de várias idades, mas mesmo para aqueles e aquelas que tinham 17 anos, a sexualidade acabava ali com a idade dos pais deles, com a idade dos avós é que a sexualidade não chegava de maneira nenhuma. Tentava, então, mostrar que a sexualidade existe até à nossa morte. Mas era abrir um horizonte muito grande.

Observou que nós também transportamos estas questões dentro de nós. No seu caso quando pensou vir a um Encontro +60, pensou mais na sua avó do que em si própria.

Recordou a Avó, considerando que era um bom ponto de partida para esta conversa, debate e partilha. Era muito especial e dizia coisas muito bonitas, em resposta à pergunta “Como estás? E como está o avô?”, respondia “Estamos bem, ele ainda me atenta”. Quando esteve num lar por o avô precisar de cuidados continuados,

recusou-se a dormir em camas separadas. Era uma mulher de enorme compreensão da vida e da natureza, era uma mulher do campo, para quem era normal e natural as diversas orientações sexuais, que sempre tinham existido, e que sabia que havia várias identidades de género LGBT, até sabia o l, os intersexuais, e que nem sempre as pessoas se sentiam bem com a identidade de género que lhes era atribuída à nascença e que não era a sua.

Referiu que quando se apaixonou pela primeira vez por uma mulher não conhecia a palavra lésbica, nem sabia que era possível, porque a cultura que nos passavam, a estrutura de pensamento que nos impunham não falava disso, desconhecíamos isso, ela desconhecia, porque nunca tinha aparecido na TV, nas conversas das pessoas à sua volta era um tabu. Há todo um sistema de muitos anos que esconde tudo isto.

Sobre o passado da comunidade LGBTQI, referiu que o passado foi muito muito mau. Salientou os períodos de perseguição como a época da Inquisição, das muitas barbáries que fizeram a pessoas devido a comportamentos sexuais não normativos, em especial às mulheres. A Sónia falou da repressão da sexualidade durante o fascismo, da vergonha, do silêncio e do tabu. Se as “pessoas normais” sentiam essa repressão, para as “pessoas não normais” era muito pior. Mesmo após o 25 de Abril a coisa era má, até 1982 era ilegal, era crime em Portugal ser homossexual. O espaço da homossexualidade era o espaço da marginalidade, da violência, do crime. Durante muitos anos foi assim para todas as pessoas que se identificavam com LGBT, mesmo no espaço urbano e para as pessoas que cresceram nas aldeias e vinham parar às grandes cidades, era assim que se viam a si próprias. E assim se criava uma série de condicionamentos mentais e sociais. Por exemplo, a quase impossibilidade de uma vivência de uma relação de conjugalidade. Até à década de 90 era difícil, impossível ter e pensar em viver uma relação homossexual assumida. Empurrava muitas vezes para a heterossexualidade, casavam e tinham filhos, não era por não saberem o que eram, era o tapar dos olhos da sociedade, porque sabiam que o nível de violência, e de agressão da sociedade era de tal ordem que o casamento e a parentalidade eram quase inevitáveis. Senão, era o ostracismo social absoluto, não teria emprego em condições, seria um pária, um marginal, uma pessoa excluída. Isto também contribuiu para situações de grande vulnerabilidade social e económica e fez com que, muitas vezes, a alternativa fosse alguma marginalidade, o mundo subterrâneo dos bares e das discotecas que existia, por exemplo, aqui em Lisboa.

A homofobia não afetava só a comunidade LGBT, afetava todas as pessoas. Era uma pressão sobre qualquer pessoa, é uma forma de violência, em que se se quisesse “lixar” a vida a alguém bastava dizer que era paneleiro, como hoje ainda se faz em situações bullying dizer que ela era lésbica. Não é uma arma só individual, é uma

arma social, cultural, política. A obrigatoriedade das pessoas se conformarem com o seu papel de género era reforçada pelo Estado, pela escola, pelos livros, pelos filmes, pelos média.

Concluiu que esta sociedade cis, heterossexista, patriarcal continua a ser dominante, até temos, vindo do leste, muitas vezes, um recrudescimento dos níveis de homofobia e transfobia, de países como a Rússia, a Polónia e a Hungria e é uma grande discussão. Por isso é que estamos atentos, este assunto interessa a todas as pessoas do Bloco, independentemente da sua orientação sexual e identidade de género, interessa à esquerda, àqueles e àqueles que querem construir uma sociedade verdadeiramente livre. A repressão sexual é uma das ferramentas mais fortes que o sistema que é capitalista continua a exercer. Exigir uma transformação política da sociedade, é também exigir uma transformação que passe pela vivência da diversidade sexual, que desconstrua o binarismo de género e a heterossexualidade obrigatória. Só a luta de classes não chega para construir uma sociedade nova. Por isso o trabalho das pessoas LGBT começou antes do próprio Bloco, já no PSR, por exemplo, havia o grupo de trabalho homossexual e foram muitos desses ativistas que levaram para a frente aquilo que foi um grande fator de mudança social que foram as marchas LGBT.

Fez referência a todo o trabalho de mudança legislativa e ao papel importante que o Bloco desempenhou, desde a inclusão na Constituição no art. 13º da orientação sexual, do casamento, da coparentalidade e da autodeterminação de género. Mas continua a ser necessário fazer mudanças legislativas, por exemplo a questão da transsexualidade nas escolas que foi vetada pelo Tribunal Constitucional, mas também transversalizar este assunto, as pessoas LGBT devem estar em todos os grupos, no grupo +60, no grupo dos jovens, no grupo LGBT e no Bloco no geral.

Respondendo ao título do painel, “+60: sair do armário ou ...voltar ao armário?”, disse que para muitas pessoas LGBT chegar a esta idade é de facto sair do armário, pois desapareceram vários constrangimentos, os pais já morreram ou já se reformaram, os filhos, se existirem, são adultos, podem agora permitir-se conhecer pessoas, sair à noite, ter experiências sexuais, experimentar coisas novas. Mas, alerta, também há pessoas para quem significa voltar ao armário, especialmente se estiverem em situação de dependência de vizinhos, dos familiares ou em lares, locais massificados, sem autonomia nem espaços de privacidade, onde há muito moralismo. Todos os idosos em situação de vulnerabilidade, de dependência e de isolamento sofrem o silêncio, a invisibilidade, o medo e o risco da violência. Para os idosos LGBT acresce ainda mais esta vulnerabilidade.

Realçou a importância de pensarmos em políticas para o envelhecimento que

incluam respostas específicas para a população LGBT, ou de forma mais abrangente respostas que incluam a diversidade sexual que existe na 3ª idade como em todas as idades. Terminou a sua intervenção com a interrogação “o que fazer?”, respondendo que é preciso VISIBILIZAR, AGIR e CONSTRUIR ALTERNATIVAS.



### ENCERRAMENTO

Catarina Martins, coordenadora do Bloco de Esquerda, no encerramento do Encontro referiu a importância do Grupo +60 alargar, sair para fora, afirmando as suas prioridades e alertou para as principais dificuldades que estamos a enfrentar: **1.** A inflação e especulação na energia e alimentação, a perda do poder de compra vai agudizar-se, o PS não está a fazer nada para travar isto; não há choques maiores porque os mais velhos são uma almofada social, dão habitação para os mais novos; os aumentos previstos no Orçamento de Estado não podem ser os que estavam pensados, há uma nova situação, mas é uma luta difícil devido à relação de forças no Parlamento, a luta terá de ser feita fora do Parlamento. **2.** O problema do acesso à saúde, o BE está a trabalhar com um setor alargado de pessoas que apoiam o SNS para apresentar o estatuto do SNS. O SNS foi desenhado para jovens, os serviços para as crianças correm bem, mas os serviços para os mais velhos correm mal, há dispersão dos serviços, das consultas e das análises; não foi pensado na ótica do utente; é preciso reformular os serviços; o IPO é uma placa giratória de dinheiros para os privados; nos cuidados primários de saúde querem trazer precários para médicos de família; no caso do COVID, o PS foi permeável aos interesses privados, logo que houve disponibilidade no mercado o governo contratualizou com privados (o que anteriormente foi feito por institutos públicos) que levaram 150 euros por uma PCR quando tinha o custo de 30. **3.** O problema da habitação, nomeadamente os contratos de arrendamento até 15 anos, podem ser despejados; **4.** O PRR atribuiu milhões para os cuidados que irão para as IPSS, caso dos lares que não respeitam a autonomia das pessoas; o Bloco defende o Serviço Nacional de Cuidados com outro modelo de prestação de serviço e apoios mais centrados no apoio domiciliário e na reabilitação das casas, assim como em residências partilhadas e apoiadas.

Concluiu a sua intervenção com o apelo à manutenção da mobilização e da exigência social, lembrando que no Bloco convergem a importância das gerações mais jovens, nas lutas como o 8M, LGBT e o Clima e o poder das gerações mais velhas nas lutas contra a Troika e o corte das pensões.



(ver painel 1, painel 2, painel 3 aqui:

<https://www.dropbox.com/sh/mivg4wkjmx4yopt/AADYzfDI4ZCtziO6S-qJeOcNa?dl=0>)

## EXPOSIÇÃO

Com o objetivo de divulgar a atividade do Grupo +60 do Bloco de Esquerda, foi apresentado no 4º Encontro Nacional uma exposição constituída por três painéis.

Neles, podemos ver fotografias do 1º Encontro Nacional realizado a 20 de Fevereiro de 2017, em Almada, sob o lema “Segurança Social, Saúde e Crise Social: Problemas e Soluções”, do 2º Encontro Nacional realizado a 11 de Fevereiro de 2018, em Lisboa, sob o lema “O Bloco em Luta por Estado Social para Todos” e do 3º Encontro realizado a 23 de Março de 2019, também em Lisboa, sob o lema “Mais Esperança de Vida, que Qualidade de Vida?”. Neste três Encontros Nacionais, são também destacados os temas abordados e os respetivos oradores e oradoras.

São também destacados os cartazes de todas as Iniciativas do Grupo +60, grande parte realizadas *online* durante o período da pandemia do Covid-19, assim como materiais de divulgação em que destacamos os pontos do Caderno Reivindicativo do Grupo +60 ao longo da nossa atividade.

Por último, são homenageados as e os camaradas que nos deixaram, o Pedro Saraiva, a Conceição Peralta e o Norberto Corga, que contribuíram ativamente para o desenvolvimento do Grupo +60 do Bloco de Esquerda.

## Contactos:

Rua da Palma, 1100-394 Lisboa, ou  
[bloco.esquerda@bloco.org](mailto:bloco.esquerda@bloco.org).